



**Dimensão analítica:** Cultura e Artes

**Título do artigo:** Bibliotecas públicas em Tempos Difíceis

**Autora:** Paula Sequeiros

**Filiação institucional:** investigadora do CES, U.C.; investigadora do ISFLUP

**E-mail:** paulasequeiros@ces.uc.pt

**Palavras-chave:** bibliotecas públicas, crises económicas, leitores

O estudo de quotidianos da 2ª Grande Guerra mostrou como a afluência e valorização das bibliotecas públicas podem aumentar consideravelmente em *Tempos Difíceis*. Por razões expectáveis – leitura gratuita – e por outras talvez mais surpreendentes – abrigo em condições atmosféricas adversas, iluminação, níveis de conforto apreciados, interação social desejada (e recém-perdida?). Note-se que, em alguns países da Europa e no Norte da América, havia bibliotecas de bairro distribuídas pela cidade grande, atuando como estimados serviços de proximidade.

Conhecer essa realidade ajuda a compreender porque serviços culturais, de recreação (e hoje em dia também serviços Web) são, não menos, mas ainda mais importantes em tempos de crise.

Para contar episódios de leitura pública em tempos difíceis convoco duas mulheres, diferentes em quase tudo: uma existe, a outra não. Começo pela que existe.

Permitam que vos apresente, se não conhecem já, [Jeanette Winterson](#), autora popular – sim, nos dois sentidos correntes da palavra: bem-querida por muitas pessoas; vende muito, não querendo nem parecendo precisar de estrelato...

Filha adotiva duma mulher que a maltratava, em momentos dados, que lhe queimou os livros comprados na infância à custa do seu próprio trabalho, que a fez exorcizar em público quando soube ser lésbica e que a rejeitou quando percebeu que não resultara, estava autorizada a ler apenas livros religiosos ou moralizantes. Nascida em 59 em Manchester, narra a cidade da gente trabalhadora, a que pertence, e os seus bairros de tijolo, as marcas deixadas por Marx e Engels, as vidas de aflições e lutas.

Depois mudou-se para [Accrington](#). A leitura, alimentou-a Jeanette, *literalmente*, na biblioteca. Tudo de enfiada lia, da *perspetiva das classes segundo Dewey*:

“LITERATURA INGLESA EM PROSA A-Z”: “[n]ão tinha ideia do que ler ou por que ordem, portanto lá comecei alfabeticamente. Graças Deus o apelido dela era Austen...” [1].

“Costumava dar uma ajuda na biblioteca. Eu era uma miúda rufia, dura, não muito boa na escola, exceto nas palavras. Tínhamos seis livros em casa, mas eu tinha a biblioteca” [2].

Naquele tempo era “[uma biblioteca](#) plenamente fornecida, construída em pedra sobre os valores duma era de autoajuda e melhoramento” [1]. “Adorava aquele edifício – construído para as classes trabalhadoras – construído para mim. Adorava sentir o silêncio enérgico.

Quando saí de casa aos 16 anos e vivia dentro dum Mini, ia para a biblioteca toda a noite até fechar” [2].

Recentemente Winterson tomou posição em defesa das bibliotecas - [em 2012 foram fechadas 201](#) no país, depois das 146 do ano anterior, por causa dos cortes orçamentais das autarquias. Decisões que originaram [protestos e criação de bibliotecas alternativas](#), por parte de leitores, autores e bibliotecários.



“Os ricos terão livros e acesso a livros. As melhores universidades manterão as suas magníficas bibliotecas para serem visitadas por quem pode pagar as taxas. Isso é downloads para todos os outros? [...] Os ebooks não são uma melhoria: são um acréscimo. Não podem ser usados como desculpa para tirar os livros do mundo do quotidiano e os meter no mundo virtual”. [...] “As bibliotecas custam agora cerca de 1 bilhão por ano a administrar. Passem a 2 bilhões e cobrem tudo isso à Google, Amazon e Starbucks como impostos atrasados sobre os lucros deles aqui” [2].

Recuando no tempo, outra história é contada por Adozinda, uma das primeiras leitoras da Sala de Leitura Feminina da Biblioteca Municipal do Porto no inverno de 1945. Imaginamo-la uma das primeiras estudantes de Farmácia, filha, talvez, de comerciante e doméstica. Para usar espaço público, teve de ousar o direito ao uso. De regresso a casa conta à mãe a sua experiência:

“a ler assim, senti-me como uma daquelas mulheres da Suíça ou da França de que falava a tal Virgínia de Castro e Almeida. A sala tem o nome dela. Quis saber quem era e então pedi para ler *A mulher*. Que livrinho espantoso! Bem, e ali ao menos não me deitavam olhares, nem me chamavam *letrada* ou *sabichona*, como os rapazes que se metem na rua conosco, quando vamos para a Faculdade por termos livros debaixo do braço” [3].

*Esta* Adozinda não existiu. É personagem ficcionada que corporizou palavras e atos de mulheres reais, fixados em textos feministas da época e algumas entrevistas nossas. Apareceu para contar como esse espaço poderá ter sido em tempos de ditadura fascista. Fechada em 52, a Sala permitiu seguramente a entrada a mais mulheres, num espaço só seu, e deve ter evitado que algum homem se queixasse de se *distrair* com a sua presença. Nesta Sala entraram mulheres trabalhadoras manuais, intelectuais, estudantes, visitantes frequentes algumas, entrando sós ou em pares [3].

Algum tempo antes, o diretor da biblioteca, com insistência enorme e bem sucedida, escrevia ao presidente da Câmara para assegurar a iluminação ao fim do dia – havia cortes decorrentes da situação de Guerra – já que recebiam tantos leitores. A Sala de Leitura Geral fechava às 21 ou 22 horas, dependendo da época do ano, e acolhia algumas mulheres – a existência da sala especial não era impedimento para o uso desta outra.

Uma das facetas modernizadoras do salazarismo manifestou-se certamente nesta Sala, com uma História cheia de contradições e ambiguidades.

À distância de uma, duas gerações das histórias de Jeannette e de Adozinda podemos interrogar: que valor damos às bibliotecas públicas, que financiamento e finalidades, o que as espera na era da Troika?

No Reino Unido parecem convulsionadas por pressões das empresas de telecomunicações/informática, bases de dados e conglomerados editoriais promotores de literatura industrial e/ou diversão eletrónica e recusas de financiamento público, por um lado; por outro, há novos modelos a serem testados: *super-bibliotecas* com muitas conexões, equipamentos e diversão tecnologizados – transformadas conceptual e/ou fisicamente em centro comercial com auto-serviço, pouco pessoal, muita intrusão mercantil e vigilante – enquanto pequenas bibliotecas comunitárias de voluntários se vão formando, recolhendo ofertas e os despojos das públicas encerradas – mas não o seu pessoal qualificado – apostando na proximidade e na interação sociais [5].

Por todo o lado [serviços de “aluguer” de ebooks](#) (não confundir com propriedade nem acesso temporal ilimitado) prometem maravilhas do tipo dos pacotes de telecomunicações+TV – *sem sair de casa* – frequentemente através dos dispositivos portáteis recentes. Vendendo a ilusão tudo de pôr na palma da mão – eles *sabem* o que nós queremos – usam-na como periférico do sistema para [nos ler e nos vender](#). Vendem ainda ebooks às próprias bibliotecas, em histórias cujo enredo vai a meio.



Em Portugal, na última década, as bibliotecas públicas têm sido paulatinamente degradadas pela redução no pessoal com qualificação adequada e por uma generalizante falta de atualização das coleções, a par doutros cortes. A querela, já com cerca de dois anos, Biblioteca Nacional/autarquias, sobre quem paga o transporte dos livros de Depósito-Legal, tem privado os leitores da dezena de bibliotecas depositárias de receber novidades (atempada ou definitivamente?). A instalação de Wi-Fi pareceu preceder muitas outras necessidades prementes, há alguns anos atrás; os ebooks não parecem ter presença ainda.

Entretanto podemos questionar:

Que abrigos queremos na cidade e como queremos ler? *Esconsamente sós*, em comunidade sem propinquidade [6]? Toleramos intrusões na leitura pública? Quem empurra estas opções tecnológicas? E acima de tudo: se ficarmos sem estes espaços ou serviços, quem irá preencher o vazio? Serão ainda “construídos para nós”?

### Notas

[1] tradução própria de excertos de: Winterson, Jeanette (2012), *Why be happy when you could be normal?* London, Vintage.

[2] idem: Winterson, Jeanette (2012), We Must Protect and Reinvent Our Local Libraries. *The Guardian*, 23 Nov. Disponível em <<http://www.theguardian.com/books/2012/nov/23/protect-our-libraries-jeanette-winterson>>.

[3] para versão detalhada e anotada da história: Sequeiros, Paula; Passos Sónia (2013), Adozinda goes to the Feminine Reading Room: a segregated space for women in a Portuguese public library under a fascist state, In Cabecinhas, R.; Abadia, L. (eds.) – *Narratives and social memory: theoretical and methodological approaches*, Braga: University of Minho, Communication and Society Research Centre, p. 328–343 Disponível em <[http://www.lasics.uminho.pt/ojs../index.php/cecs\\_ebooks/article/download/1530/1434](http://www.lasics.uminho.pt/ojs../index.php/cecs_ebooks/article/download/1530/1434)>.

[4] baseado em relatos compilados por Silva, Maria Regina Tavares da (1983), Feminismo em Portugal na voz de mulheres escritoras do início do século XX. *Análise Social XIX* (77-78-79), p. 875–907.

[5] Prospero (2013), It's not all about the books. *The Economist* [em-linha]. 8 Sept.. Disponível em <<http://www.economist.com/node/21585052>>.

[6] Calhoun, Craig (1998), Community without propinquity revisited: communications technology and the transformation of the urban public sphere. *Sociological Inquiry*, 68(3), p. 373–397. doi:10.1111/j.1475-682X.1998.tb00474.x

[publicado a 2013-10-4 em Plataforma Barómetro Social, 4ª Série de 2013, Artigos de Opinião (setembro) <http://barometro.com.pt/archives/1064>]